

Órfãos do Eldorado, de Milton Hatoum: Das representações à historicidade de mulheres indígenas na Amazônia.

**Irاند Santiago¹
Arcângelo da Silva Ferreira²**

RESUMO: Este estudo considera a literatura de ficção de Milton Hatoum como fonte para se pensar e fazer parte da história das mulheres indígenas na Amazônia, a partir das personagens Dinaura e Florita, representadas através do imaginário do referido escritor amazonense. Para o desenvolvimento de nossa análise histórica utilizamos o método indiciário, relativo às contribuições, essencialmente do historiador Carlo Ginzburg. É sabido que as mulheres indígenas estiveram na História, porém, há muito tempo ficaram fora da Historiografia. Diante desta problemática, analisamos os possíveis diálogos, acerca da questão indígena, entre as narrativas literárias e a narrativa histórica e historiográfica. Desta forma, partimos das representações acerca das indígenas/personagens, indicadas linhas acima, na perspectiva de traçar determinadas comparações com os registros históricos e/ou historiográficos, os quais elucidam a trajetória histórica de mulheres indígenas na Amazônia. Nosso recorte temporal abarca os anos de 1890-1945. No bojo desta delimitação pretendemos apontar algumas limitações da Historiografia Oficial, esta que quando elucidada a figura feminina e indígena, sobretudo através de olhares caracterizados pela misoginia, comprometido, portanto, com a anulação das referidas mulheres na História da Amazônia. Percebemos que a escrita criativa de Milton Hatoum, através de *Órfãos do Eldorado*, abre caminhos para tratarmos sobre uma história de gênero na Amazônia. Assim, a pesquisa que propomos aqui acende debates sobre a importância e a presença das mulheres indígenas ao longo da História da Amazônia.

Palavras-chave: Mulheres indígenas; trajetórias históricas; Literatura & História; Milton Hatoum: *Órfãos do Eldorado*.

Considerações iniciais

O sorriso, o olhar vivo no rosto anguloso, olhos mais puxados que os meus. Uma índia. (HATOUM, 2008, p.31).

Este artigo de conclusão de curso adota como *corpus de análise* a literatura de ficção elaborada por Milton Hatoum, isto é, a novela *Órfãos do Eldorado*. Ora, há muito a profícua relação dialógica entre a narrativa literária e a narrativa histórica estão consolidadas. Contudo, cabe ao historiador atentar para alguns procedimentos inerentes à História, quais sejam: “construção e tratamento dos dados, produção de hipóteses, crítica e verificação de resultados,

¹ Graduanda do 8º período do curso Licenciatura Plena em História, 8º período, no Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas (CESP/UEA).

² Dr. em História Social na Amazônia (PPHIST/UFPA). Professor de História no Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas (CESP/UEA).

validação da adequação entre o discurso do conhecimento e seu objeto” (FERREIRA, 2009, p.77). Nessa perspectiva, adotaremos a referida novela como *fonte fecunda* (FERREIRA, 2009). Assim, nossa ênfase gira em torno da seguinte problemática: Como está representada, na obra de Milton Hatoum, a figura da mulher indígena? Para tanto, traçaremos, grosso modo, alguns aspectos da trajetória histórica do autor para buscar determinadas variantes acerca de sua relação com a temática indígena.

Trajatória de Milton Hatoum

Milton Hatoum é um escritor amazonense, descendente de libaneses, nascido em Manaus, em 19 de agosto de 1952. Passou sua infância na capital do Amazonas. Na adolescência, foi para Brasília estudar na Escola de Formação da UNB. Após este ciclo, rumou para São Paulo, para cursar a faculdade de Arquitetura na USP. Nesta Universidade, fez contato com aulas e professores do curso de Letras, significativo à sua formação como escritor. Terminado o curso de Arquitetura, consegue um intercâmbio na Europa. Conforme um estudo recente, acerca de parte de sua biografia:

O projeto de passar meses na Espanha foi redefinido, pois acabou ficando quatro anos na Europa. Primeiro residindo em Madri e Barcelona, depois foi para França fazer pós-graduação - onde estudou Literatura Comparada - na Universidade de Paris III (Sorbone). (FERREIRA, 2022, p. 81).

Volta para o Brasil após a ditadura civil-militar. Começou a escrever *Relato de um certo Oriente* na Europa, mas escolheu finalizar o romance de estreia no Brasil, no período em que exercia o cargo de professor universitário no curso de Letras, na Universidade do Amazonas - UA.³ A publicação original de seu primeiro romance foi no ano de 1989. Anos mais tarde ocorreu a publicação dos demais romances: *Dois Irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2005).

Em 2008, foi publicado, originalmente, através da editora Companhia das Letras, o livro *Órfãos do Eldorado*. Uma novela que aborda a trajetória de três gerações de personagens masculinos de uma família poderosa ligada ao histórico desenvolvimento da economia da borracha na Amazônia. Vejamos este relato acerca do projeto literário que gira em torno da elaboração da referida novela:

³ No referido período a atual Universidade Federal do Amazonas ainda denominada de UA, pois viria a receber a denominação UFAM, por meio de disposição do Lei 10.468, de 20 de julho de 2002.

No Festival Literário ocorrido na cidade de Paraty, em 2009 (FLIP)⁴, numa mesa-redonda dividida com o cantor, compositor e escritor Chico Buarque de Holanda⁵, o literato amazonense Milton Hatoum após ler trechos da novela *Órfãos do Eldorado* falou acerca do processo de criação desta obra. Afirmou que fez a novela encomendada por uma editora escocesa *Canongate*. Livro que iria compor uma coleção chamada *Miths*. Segundo o escritor, a narrativa foi criada a partir de uma história que ouvira quando tinha, talvez, uns doze ou treze anos, e vivia em Manaus. Um enredo, que há muito ficou latejando em sua memória. Memória, transmitida pela oralidade de seu ancestral, a qual é relatada no *Posfácio* à novela *Órfãos do Eldorado*, [...]. Na mencionada mesa-redonda, Hatoum afirmou que durante a escrita e reescrita do livro, devido às limitações das páginas colocadas pela editora escocesa⁶, acabou optando pelo gênero novela. Fez desta forma, um *recorte trágico*, intenso onde retrata a vida de poucos personagens. Deixando nas curvas da trama algo incógnito, inaudito, que aos poucos se revela para trazer uma mudança repentina na narrativa. [...]. Pois ancorado nas palavras de Hatoum, estas que acabei de considerar, afirmo: *Órfãos do Eldorado* foi um título que surgiu a partir da relação que o autor tinha com aquela história, guardada em sua memória, desde a juventude. [...]. Nessa perspectiva, chama atenção o título do livro: vaza muitos significados. (FERREIRA, 2022, p. 162-163).

Na referida novela, o protagonista narrador, último representante da geração da família Cordovil, por meio de sua memória, narra o processo de decadência da referida família. No bojo da trajetória de Arminto Cordovil, aparece o amor por uma indígena: Dinaura. A figura misteriosa, enigmática de Dinaura, gera no enredo desta narrativa uma problematização histórica e historiográfica, provocada pela literatura de ficção: O processo de silenciamento das etnias indígenas e, principalmente, das mulheres, na História Oficial da Amazônia.

Imagem 01: Capa da 1ª edição do livro *Órfãos do Eldorado*



⁴ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=RNK9RAZZ1_Q

⁵ Chico Buarque de Holanda foi convidado para comentar acerca do processo criativo do romance *Leite Derramado*. Segundo o mediador, a mesa foi dividida com Milton Hatoum (chamado para comentar sobre *Órfãos do Eldorado*), principalmente, porque os dois livros são narrativas que abordam temáticas semelhantes. De fato, ambos tratam da problemática da memória, onde os protagonistas são personagens masculinos que recorrem às suas lembranças para relatarem a história de gerações e, por extensão, de suas respectivas cidades.

⁶ O que, segundo ele, o incomodou bastante. Neste evento afirmou que nunca mais faria um livro encomendado.

Das mulheres como fonte

Escolher as mulheres, como tema de interesse para a construção do saber histórico é um dos grandes desafios enfrentados pelos historiadores, principalmente porque, na Amazônia, há falta de fontes catalogadas que evidenciam o papel das mulheres indígenas na sociedade. Essencialmente, consideramos aqui a literatura de ficção de Milton Hatoum como campo de possibilidade para pensar e fazer parte da história das mulheres indígenas na Amazônia, compreendendo as relações entre as trajetórias históricas de mulheres indígenas da Amazônia com o processo de representação das personagens literárias e analisar os possíveis diálogos, acerca da questão indígena, entre as narrativas literárias e a narrativa histórica e historiográfica.

Analisando que, neste TCC, estamos usando a literatura de ficção como fonte de História, por um lado, por outro abarcando reflexões em torno da trajetória histórica de mulheres e, por extensão, a problemática histórica das relações de gênero, pensamos ser pertinente adotar, aqui dois movimentos, necessários à narrativa histórica que estamos pretendendo esboçar aqui.

Das Relações de Milton Hatoum com a questão indígena

Primeiro vamos traçar um panorama acerca da relação de Milton Hatoum com a questão indígena. Desta forma, conjecturar que determinadas viagens, realizadas enquanto era um jovem, neófito escritor, trouxe questões para que ele construísse personagens indígenas que vazam sua obra literária desde o primeiro romance, *Relato de um certo oriente* até *Pontos de Fuga*, romance mais recente, passando por seus contos e crônicas já publicadas. Entretanto, como já foi dito, linhas adiante elucidaremos as personagens originárias inscritas na novela *Órfãos do Eldorado*. Depois, traçaremos um breve balanço historiográfico sobre os estudos voltados à trajetória das mulheres e relações de gênero. Vamos, portanto, a estes movimentos relativos à nossa narrativa.

As experiências e vivências de Milton Hatoum, relativas às viagens realizadas pelo rio Amazonas, Negro, são chaves de leitura para compreendermos a relação deste literato com as questões indígenas na Amazônia. Por sinal, quando finalizou seu curso de Arquitetura na USP, com três colegas, João Luiz Musa, Isabel Gouveia e Sonia Maria da Silva Lorenz, articulou uma viagem de barco desse porte. Um projeto que culminou na publicação de seu primeiro, e até agora único, livro de poemas: *Amazonas: Palavras e imagens de um rio entre ruínas*, publicado, originalmente, no ano de 1979, em São Paulo, através da Livraria Diadorim.

Trata-se de um livro de poemas e imagens, o qual lança mão do lirismo e da fotografia na perspectiva de representar aspectos da Amazônia, pouco elucidados naqueles anos de ditadura civil-militar. Depois, antes do exílio na Europa, fez praticamente o mesmo percurso, com o objetivo de observar etnograficamente a condição dos povos originários, essencialmente, da região do Alto rio Negro.

Diante desses acontecimentos, relativo à trajetória histórica de Milton Hatoum, presumimos que o contato do escritor com a realidade amazônica, estabelecida pelas experiências e vivências proporcionadas com essas viagens, fez com que o literato reunisse elementos para compor, também, as personagens indígenas inscritas no enredo da novela *Órfãos do Eldorado*.

Vejamos o que o referido escritor nos conta acerca dessas viagens significativas:

Fiz duas longas viagens ao Alto rio Negro. A primeira, em 1976, com um grupo de amigos da FAU-USP: uma viagem de barco, de Manaus a Camanaus, próximo de São Gabriel da Cachoeira. Viajamos durante um mês inteiro, conhecendo os povoados do rio Negro, conversando com ribeirinhos, índios, missionários, pescadores. Três anos depois, antes de passar uma longa temporada na Europa, voltei sozinho àquela região. Tinha em mente escrever um longo artigo sobre a “aculturação” de algumas tribos, a relação entre os Macu e os Tucano, a presença de missionários, militares garimpeiros etc. Passei algum tempo entre São Gabriel da Cachoeira, Cucuí e Iaureté, e me deparei com um mundo complexo, que as minhas leituras etnográficas não bastavam para explicar. No fim, não escrevi o artigo, e voltei deprimido com a situação desses povos espoliados material e simbolicamente por religiosos, militares, comerciantes e abandonados pelo poder público. O fato é que essa última viagem ficou viva na minha memória, e até hoje as anotações de campo, as observações de um leigo sobre uma região que sempre me atraiu. Afinal, o rio Negro diz muito para mim, desde a infância: é o rio que banha minha cidade, cujo nome (Manaus) e boa parte de sua população são originários de povos indígenas. (Hatoum, 2005, p. 85, Apud., FERREIRA, 2022, p. 115).

Eis a capa original do livro mencionado, linhas acima:

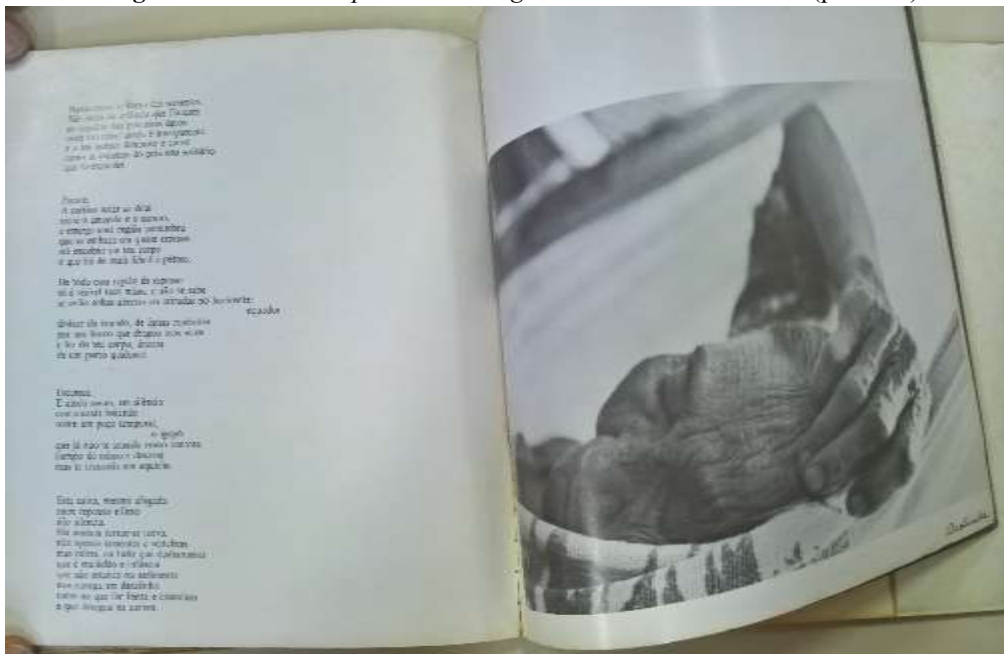
Imagem 02: Capa do livro Amazonas: *palavras e imagens de um rio entre ruínas*.



Fonte: Acervo da Biblioteca Pública de Manaus.

Através de poemas e imagens, Hatoum e seus jovens colegas tinham a intenção de protestar acerca das ruínas em que se encontravam à Amazônia. Região historicamente explorada pelos sistemas econômicos impulsionados pelo capital estrangeiro, desde o processo de colonização até a conjuntura histórica em que daqueles jovens e recém-formados arquitetos e jornalistas navegavam pela Amazônia: o início da ditadura civil-militar. Ao lado disso, denunciava também a condição das populações que viviam nos ecossistemas dos rios Amazonas e Negro, fundamentalmente. Vejamos um exemplo, acerca da referida narrativa, a qual estamos nos reportando.

Imagem 03: *Amazonas: palavras e imagens de um rio entre ruínas* (p. 88-89).



Fonte: Acervo da Biblioteca Pública de Manaus.

Entrelaçada, assim a narrativa poética à fotografia, a denúncia estava feita. Decerto, este livro de palavras e imagens procurava trazer à baila, desde as ruínas, os escombros históricos deixados ao longo do tempo, as diversas histórias de determinados povos esquecidos, principalmente, os povos originários.

Outra fonte a ser acessada na intenção de perceber a profícua relação da literatura de ficção, elaborada por Milton Hatoum, com às questões dos povos originários da Amazônia é um ensaio, escrito por ele, publicado originalmente em 2005, quando atuava como professor da Universidade Federal do Amazonas. Trata-se do ensaio intitulado: “Laços de Parentesco: Ficção e Antropologia”. Neste ensaio, ele deixa patente que muitas de suas escolhas para compor as personagens indígenas, registradas em sua obra, estão relacionadas às experiências de determinadas mulheres oriundas de culturas originárias que se deslocavam à capital do Amazonas para trabalharem, como domésticas, em casas de famílias abastadas: “Em várias

casas de Manaus presenciei muitas cenas de humilhação e ressignificação, [...]” (HATOUM, 2005, p. 86-87).

Conforme um recente estudo sobre a obra de Milton Hatoum, existe uma peculiar intenção em seu projeto literário: dignificar o anônimo (FERREIRA, 2012). Nesse sentido, para Hatoum, as viagens pelos rios da Amazônia foram de suma importância para ele pensar e elaborar suas personagens femininas. Isto pode ser constatado se olharmos, minuciosamente, para Domingas (em *Dois irmãos*) e Florita (em *Órfãos do Eldorado*).

Ainda nessa direção, o acesso a determinadas práticas e/ou estudos etnográficos e antropológicos ajudaram Hatoum. Com efeito, o literato amazonense utiliza a oralidade, por exemplo, quando se reporta ao conjunto de crenças e manifestações religiosas que inundam o imaginário das populações locais. Esta peculiaridade abre fendas para examinar os diálogos entre as narrativas de Hatoum com os domínios da História e da Antropologia.

Da novela órfãos do Eldorado e outras produções sobre mulheres indígenas

Nessa perspectiva, a narrativa apresenta veredas relacionadas as peculiaridades dos registros etnográficos. Assim, a novela *Órfãos do Eldorado* suscita um “trabalho de campo” revelador das práticas e representações que giram em torno das crenças norteadoras das culturas populares existentes na Amazônia. A fé em um mundo melhor, sem sofrimento, sem desgraça existente na região. Uma “cidade sem mal” herdeira da cultura tupinambá é constante na referida literatura de ficção. Assim, admitimos que Hatoum reconstitui o imaginário indígena, materializado em suas personagens, quase sempre femininas: Domingas e Dinaura. Ao lado disto, relatos sobre mitos indígenas. Alguns, extremamente eróticos. Vejam este trecho:

Lembro também da história de uma mulher que foi seduzida por uma anta-macho. O marido dela matou a anta, cortou e pendurou o pênis do animal na porta da maloca. Aí a mulher cobriu o pênis com barro até ficar seco e duro; depois dizia palavras carinhosas para o bichinho e brincava com ele. Então o marido esfregou muita pimenta no pau de barro e se escondeu para ver a mulher lambe o bicho e sentar em cima dele. Diz que ela pulava e gritava de tanta dor, e que a língua e o corpo queimavam que nem fogo. Aí o jeito foi mergulhar no rio e virar um sapo. E o marido foi morar na beira da água, triste e arrependido, pedindo que a mulher voltasse para ele. (HATOUM, 2008, p. 12).

Pois nos *Agradecimentos*, impressos na novela *Órfãos do Eldorado*, lê-se: “usei livremente algumas poucas narrativas indígenas e passagens dos livros de Betty Mindlin, Candace Slater e Robin M. Wright sobre mitos da Amazônia brasileira”. (HATOUM, 2008, p. 107). Desta forma, pensamos que Hatoum foi a determinados estudos sobre a cultura indígena

e seus encantados. Por exemplo, pode ter acessado Slater, o qual pesquisando acerca do processo e desencanto da imaginação amazônica, no contexto da festa do boto (um encantado), lança mão da oralidade de um homem de 57 anos, residente no interior da cidade de Parintins. É da oralidade desse homem a transcrição adiante, colhida da mencionada referência: “Acho que o Encante é como outro planeta. Pois o santo tem milagre, mas o encanto tem mistério”. (SLATER, 2001, p. 203, Apud. FERREIRA, 2022, p. 188).

Mindlin, por sinal, reúne significativas histórias, “girando sempre em trono do tema do amor, são representadas segundo os povos dos narradores: Macurap, Tupari, Ajuru, Jabuti, Arikapu e Aruá, todos de Rondônia. São seis povos que falam línguas diferentes e tem tradições distintas”. (MINDLIN, 1997, p. 18). No referido livro a antropóloga afirma:

Pequenas sociedades das aldeias da mata brasileira nos dão um bom material para quebrar a cabeça nessa direção. *As histórias são surpreendentes, modernas, e poderiam ser o núcleo de romances contemporâneos. Algumas, inclusive, poderiam ser escolhidas como símbolos, exemplares do drama amoroso.* Velhos temas: a sedução; a relação mãe-filha, de competição ou solidariedade; a solidão erótica; a voracidade; o sonho do amor aventureiro, para não dizer romântico; *a mulher ou o homem encantados, encontrados no meio da floresta ou no fundo das águas;* o incesto, o amor criminoso; os amantes que se opõem e se matam; a viuvez e a figura do morto; a violência e a vingança; e assim por diante. (MINDLIN, 1997, p. 18).

Relações de gênero

Grifamos um trecho da citação para argumentar que talvez exista uma possibilidade de que estes tipos de estudos tenham sido acessados por Hatoum no que diz respeito a utilização de relatos orais colhidos de histórias compiladas por determinados antropólogos brasileiros e estrangeiros, estudiosos das culturas indígenas viventes na Amazônia.

Tentando fazer um brevíssimo balanço acerca dos estudos voltados à trajetória histórica das mulheres e a questão de gênero, verificamos que durante muito tempo prevaleceu a História Oficial centralizada na figura de grupos dominantes, mais voltado para questões de natureza política, diplomática e militar. Apenas em 1929 aconteceu o que Peter Burke chamou de Revolução Francesa na Historiografia com o advento da escola dos Annales, que rompeu de forma significativa com a História Oficial e que propôs uma História Nova, preocupada com as massas anônimas, seus modos de viver, sentir e pensar, abrindo caminhos para o que hoje conhecemos por “História Social”.

Esse movimento historiográfico possibilitou-nos traçar um esboço acerca da relação de gênero na Amazônia, através da obra literária *Órfãos do Eldorado*. Nesta obra, podemos

verificar aspectos relativos à sexualidade, à sedução, religiosidade, etnicidade, atrelados à mulher, oriunda dos povos originários. É sabido que por muito tempo as mulheres se mantiveram ocultas na historiografia, devido a limitação do que era considerado História Oficial.

Contudo, a partir do momento que as massas anônimas passaram a ser visibilizadas, novas temáticas foram problematizadas. Novos documentos também surgiram, como, por exemplo, a literatura. Fonte a qual contribuiu de maneira significativa para que as mulheres viessem à baila, como tema de interesse em diversas pesquisas acadêmicas e não acadêmicas. Assim, a novela, escrita por Milton Hatoum, *Órfãos do Eldorado*, abre caminhos para tratarmos sobre uma história de gênero na Amazônia, através da narrativa da trajetória sobre mulheres indígenas que estavam inseridas naquela sociedade. Dito corretamente, o conteúdo literário elucida problematizações relativas ao contexto histórico delimitado neste artigo. As representações presentes na narrativa literária nos fazem indagar sobre a trajetória histórica de determinadas mulheres indígenas na Amazônia.

Para encontrarmos vestígios sobre as mulheres indígenas nas narrativas de Milton Hatoum, utilizamos o método da *História Cultural*, mais especificamente, o *indiciário*, aproveitando como referência o historiador Carlo Ginzburg. Este gera a busca de evidências, muita das vezes escondidas na documentação. É do citado historiador a seguinte constatação: “Pistas, talvez infinitesimais permitem contar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível. Pistas: mais precisamente, sintomas, indícios, signos pictóricos” (GINZBURG, 1989, p.150). A escolha deste método é viável, pois nos ajuda a elucidar a trajetória histórica das mulheres indígenas. Assim, temos consciência de que o método indiciário nos permite encontrar fios e os rastros da história dessas mulheres, por meio dos indícios. No caso deste artigo, na literatura de ficção. Através da novela *Órfãos do Eldorado* é possível verificar a representação da trajetória de algumas mulheres, que exerceram papel fundamental na construção dessa narrativa, como as personagens, Angelina, Florita, Dinaura e Madre Caminal, mas daremos ênfase as personagens indígenas.

Dinaura e Florita

Ao analisarmos o conteúdo textual, verificamos que Arminto desde o seu nascimento ficou órfão de mãe, sendo responsabilizado, por seu pai Amando, pela morte de sua mãe, Angelina. Esta culpabilidade estabelece uma relação conflituosa entre pai e filho. Este ouve sempre de seu progenitor a incisiva condenação: “Tua mãe te pariu e morreu.” (HATOUM,

2008, p.16). Devido a morte de sua mãe, Arminto foi criado por uma tapuia: Florita. Ama que o amamentou desde criança. Assumiu o papel de conselheira, com quem criou uma ótima relação. Porém, na adolescência acabou se relacionando amorosamente com sua antiga ama de leite. Isto fez com que seu pai o afastasse de casa. Mandou-o para Manaus. Mesmo com a distância, Florita sempre se manteve próxima de Arminto, era uma relação de cuidado e ao mesmo tempo de ciúmes.

Na volta de Arminto para Vila Bela (representação da cidade de Parintins), ele avistou aquela que seria sua paixão avassaladora: Dinaura, uma menina mulher, indígena e órfã, cheia de mistérios e sedução, que passa por um impasse de sensações relativas ao real e imaginário, sendo objeto de desejo de Arminto, que se apaixonou perdidamente pela tapuia, a ponto de deixar de lado, toda sua vida pessoal, uma espécie de encantamento.

Dinaura era um ser inconstante, que fugia de seu amado, deixando sempre uma incógnita, Para onde iria? Por que fugia? “Ela escapava sem dizer palavra, não sei se escapava: era o silêncio que dava impressão de fuga.” (HATOUM, 2008, p. 37). Havia rumores de que Dinaura era uma mulher encantada que vivia na cidade submersa, Dinaura morava no Orfanato, que era liderado pela Madre Caminal, que era considerada uma espécie de anjo por abrigar diversas meninas, que vinham de aldeias e povoados dos rios Andirá e Mamuru, do Paraná do Ramos, e de outros lugares do Médio Amazonas, que haviam sido vendidas como mercadorias, e que eram resgatadas de regatões, algumas refugiadas de trabalhos análogos a escravidão, outras que haviam sido abusadas, até mesmo pelo seu próprio pai.

A novela deixa explícito a violência que muitas dessas meninas sofreram, e é algo que ainda acontece com frequência nas comunidades amazônicas.⁷ As órfãs eram proibidas de falar sua língua indígenas, deixando explícito o etnocídio: “Florita me disse que várias órfãs falavam a língua geral, estudavam o português e eram proibidas de conversar em língua indígena.” (HATOUM, 2008, p.41).

Essas personagens femininas acendem uma reflexão sobre a relação de gênero no contexto da Amazônia, nos fazendo problematizar a ficção, relacionando com a realidade e nos permitindo abarcar novos horizontes e percebermos a situação que muitas mulheres eram submetidas, principalmente as indígenas, que foram silenciadas.

⁷ Na versão digital do jornal Em Tempo temos uma matéria cuja manchete é a seguinte: “Em uma década, cerca de 569 indígenas foram vítimas de estupro no Amazonas”. A matéria faz abordagem acerca de permanentes casos e chama a atenção para o descaso do poder público relativo ao histórico problema histórico. Conferir: <https://emtempo.com.br/40351/amazonas>. Acesso em 05/11/2023.

A historiografia sobre a questão indígena no Brasil, desde a colonização, apresenta exemplos do processo de exploração de mulheres nos mais diversos aspectos, inclusive, no sexual, por exemplo. Nesse aspecto, ao colocar no plano do enunciado personagens indígenas, essencialmente contundentes, Milton Hatoum abre fendas para um profícuo diálogo sobre a trajetória histórica dessas mulheres.

Florita, Dinaura, portanto, são representações de mulheres originárias, de carne e osso, que sofreram na pele as agruras do processo de dominação de um sistema no qual elas foram/são colocadas à margem. Adiante, vamos acompanhar a peculiaridade das personagens indígenas de Hatoum.

A trama da novela gira em torno de três gerações da família Cordovil⁸, na primeira e segunda geração representa homens que tiveram uma história de êxito, donos de grandes propriedades e de grande legado, durante *boom* da borracha na Amazônia, na terceira geração acompanhamos a decadência dessa família. Quanto às mulheres, se fazem presente, ainda que em posições subalternas, mostrando que a história de uma mulher não é a mesma que a de um homem.

Florita, como já dissemos, é uma mulher indígena que representa o papel de mãe de Arminto, na ausência de sua mãe biológica, a ela é passado confiança, tendo uma relação amistosa com seu patrão, Amando Cordovil. Este, na trama, representa o patriarcado, centrado no poder masculino. A idade desta indígena não é expressamente determinada no enredo, mas sabe-se que entrou na vida da família Cordovil ainda jovem, quando Amando entrou na floresta para capturar uma família de empregados fugidios, na qual não conseguiu detê-los, porém voltou com uma jovem malvestida, pobre e corajosa. A qual, segundo Amando, não quis fugir com os preguiçosos, largou sua família para trabalhar e tentar uma vida melhor. Em Vila Bela, foi batizada com festejo e ganhou o nome de Florita. Arminto desde o seu nascimento, era órfão de mãe, devido sua mãe ter morrido durante seu parto. Como já foi dito, acabou sendo responsabilizado por seu pai pela morte de sua mãe, tendo assim a figura do seu pai ausente, desprovido de sentimentos por ele. Assim, Florita tornou-se a pessoa mais próxima e responsável por cuidá-lo. Neste trecho, percebe-se o que afirmamos, supra:

Em Vila Bela ela estudou e ganhou um nome, com batismo Cristão, festejado, Amando dizia que era uma cunhantã de confiança, e que ele respeitava e até ajudava as pessoas

⁸ O Nome Cordovil é uma alusão a Pedro Cordovil, o primeiro administrador do que é hoje a cidade de Parintins. No contexto do reinado de Dona Maria I, a louca, foi designado por ela para cuidar da então sesmaria. A suposição é nossa, as informações sobre o referido administrado português estão no livro *As origens de Parintins*. - Manaus: Editado pelo Governo do Estado do Amazonas. - Secretaria de Imprensa e Divulgação. - Palácio Rio Negro, 1967.

de confiança, essa moça me criou, A primeira mulher na minha Memória, Florita.” (HATOUM, 2008, p. 69).

Florita nunca abandonou suas raízes, falava e compreendia a linguagem indígena e levava sempre Arminto para brincar na aldeia. Em toda narrativa Florita exerce a função de empregada, servil e pobre. A mesma é uma espécie de mediadora na relação de pai e filho, e entre Arminto e o mundo, sendo sua guia, responsável também por inserir Arminto na vida sexual, pois foi a primeira mulher com quem teve envolvimento amoroso, sendo uma das causas por Amando mandar o filho para Manaus, como já foi dito anteriormente, pois acreditava que seu filho teria abusado da empregada e que isso era obra de animal: “Também em Vila Bela, uma tarde em que ela dormia na rede, entrei no quarto e fiquei observando o corpo nu, tive um susto quando ela se levantou, tirou minha roupa, me levou para dentro da rede. (HATOUM, 2008, p. 69).

Mesmo Arminto morando em Manaus, Florita sempre se manteve próxima e preocupada, porém era uma relação de cuidado e ciúmes, por ter sido sua amante também, cuidava de suas roupas e de sua alimentação e buscava uma reconciliação entre filho e pai. Quando Arminto se apaixonou, ela interferia diretamente, dizendo que tratava-se de uma moça encantada: “Florita sentia ciúme de mim por eu ter dormido com ela uma única vez na rede, a brincadeira que foi despedida da minha juventude virgem e me castigou com a temporada na pensão Saturno.” (HATOUM, 2008, p.74).

Percebe-se que Florita tinha um valor simbólico de servidão e sempre caracterizada como amante de Arminto, inserida na paixão amorosa pelo filho de seu patrão, ocupando uma posição além da maternidade, mas de desejo pelo mesmo, o fim da vida de Florita é marcado por pobreza e decadência em uma idade mais avançada, evidenciando uma vida sem muitas expectativas ao qual foi submetida.

Dinaura é uma personagem enigmática, que entra na vida de Arminto no dia do velório de seu pai, sendo aquela que seria sua paixão avassaladora, com seus traços indígenas e repleta de suspenses e mistérios: “O sorriso, o olhar vivo no rosto anguloso, olhos mais puxados que os meus. Uma índia” (HATOUM, 2008, p. 31). Por sinal, Arminto descobre Dinaura entre as moças órfãs amparadas pela Igreja católica na cidade fictícia de Vila Bela. Na representação abaixo é possível perceber isso:

As órfãs do Sagrado coração de Jesus também estavam no cemitério, todas juntas, com o mesmo traje: saia marrom e blusa branca, uma delas tinha jeito de moça crescida, parecia uma mulher de duas idades, usava um vestido branco e olhava para o alto, como se não estivesse ali, como se não estivesse em lugar nenhum, De repente o olhar me encontrou e o rosto anguloso sorriu.” (HATOUM, 2008, p.28).

A presença da personagem na novela é marcada pelo silêncio e pela constante fuga, Dinaura representa a figura da mulher nativa sexualizada, sendo objeto de desejo de Arminto. Mas, torna-se um ser inatingível, que perpassa o real e o imaginário, mas que está presente em toda a narrativa, presencialmente ou nos sonhos de Arminto: “O olhar de Dinaura era o que mais me atraía, às vezes um olhar tem a força do desejo, depois o desejo cresce e quer penetrar na carne da pessoa amada.” (HATOUM, 2008, p.31).

Historicamente, faz-se necessário atentar para o significado do silêncio da personagem Dinaura, no tempo do enunciado da novela, pois através desse emudecimento permanente, podemos relacioná-lo, por exemplo, ao processo de silenciamento destinado aos povos originários, longamente inscrito na História oficial do Brasil. Talvez, a propósito disso, Hatoum tenha elaborado, à personagem Dinaura, essa peculiaridade. Dito corretamente, o perfil calado da personagem indígena, suscita a problematização ao histórico silenciamento dos povos originários nos livros de História, assim como em algumas reflexões historiográficas ao longo de muito tempo.

A paixão por Dinaura, fez com que Arminto buscasse compreender suas raízes e a realidade do orfanato onde ela vivia, juntamente com outras meninas, que foram parar ali por diferentes motivos, algumas sofreram violência doméstica, violência sexual ou foram raptadas. Madre Caminal, personagem feminina no romance, era a responsável por aquele local e era conhecida como juíza de Deus pois protegia as mulheres e as crianças, e era contra o escambo de mulheres e violência doméstica, essas meninas vinham de aldeias e povoados dos rios Andirá e Mamuru, do Paraná do Ramos, e de outros lugares do médio Amazonas:

Duas delas, de Nhamundá, haviam sido raptadas por regatões e depois vendidas a comerciantes de Manaus e gente graúda do governo, foram conduzidas ao orfanato por ordem de um Juiz, amigo da diretora. (HATOUM, 2008, p.42).

No Orfanato Sagrado Coração de Jesus, as meninas eram catequizadas e executavam diferentes atividades, rezavam, costuravam, estudavam, espanavam e limpavam dormitório e salas do colégio, tendo uma rotina diária, uma fala marcante de Florita é quando ela diz a Arminto que as órfãs falavam a língua geral, aprendiam o português e eram proibidas de conversar em língua indígena, deixando explícito o etnocídio das línguas indígena. A imagem a seguir, nascida da escrita criativa do escritor amazonense em questão, de certa forma, faz menção ao que afirmamos:

O toque do sino acordava as meninas às cinco da manhã, rezavam às seis horas, ao meio-dia e antes de dormir, depois das orações, a vizinhança ouvia uma religiosa

gritar: Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo; o coro das órfãs respondia: Para sempre, comiam caladas no refeitório do internato. (HATOUM, 2008, p.40).

Dinaura possuía suas peculiaridades em relação as demais órfãs, sumia sem deixar notícias, então começou a surgir rumores em Vila Bela, de que ela se tratava de um ser encantado que vivia no fundo do rio, atrelado ao mito do *Eldorado*, de que existia uma cidade de ouro, um mundo melhor. Para alguns “a mais conhecida e divulgada teoria, considera o Eldorado uma invenção puramente indígena, criada com o propósito de ludibriar os gananciosos europeus.” (NOUHAD, 1988).

Para outros, um mito importado da Europa desde a Pérsia que, ao chegar na Amazônia, passou por um processo de ressignificação, através da hibridização da narrativa europeia e aquelas construídas pelas etnias indígenas. (UGARTE, 2019). É provável que Hatoum tenha acessado este manancial de estudos sobre o Eldorado. Assim, a partir dessas matrizes intelectuais e imagéticas registra imagens do *Eldorado* em *Órfãos do Eldorado*, como podemos verificar nas linhas que seguem:

E descreviam o lugar onde ela morava: uma cidade que brilhava de tanto ouro e luz, com ruas e praças bonitas, A cidade encantada era uma lenda antiga, a mesma que eu tinha escutado na infância, surgia na mente de quase todo mundo, como se a felicidade e a justiça estivessem escondidas num lugar encantado. (HATOUM, 2008, p.64).

O fim da novela deixa um enigma a ser descoberto, pois não fica claro se Dinaura era filha ou amante de Amando Cordovil, pois foi entregue por ele no orfanato para Madre Caminal: “Ele trouxe a moça pra cá, disse para madre Caminal que era uma afilhada dele e que devia morar com as Carmelitas.” (HATOUM,2008). Sabe-se é que ela foi morar no povoado da ilha, denominado “Eldorado”, desconstruindo a ideia de cidade de ouro e mostrando uma outra realidade do Eldorado, uma vida de pobreza e miséria.

Considerações finais

Através deste artigo sobre a obra *Órfãos do Eldorado* foi possível ponderar, conjecturar acerca da trajetória de mulheres indígenas na Amazônia, que se fizeram presentes, ainda que em posições subalternas, como é o caso de Florita que exerce uma função de servidão, tendo seu valor atrelado a isso. E Dinaura, a qual representa a indígena sexualizada, atrelada ao desejo e que foi silenciada, proibida de usar sua língua primária indígena, a novela retrata ainda o caso de muitas meninas que sofreram diversos tipos de violências, sejam elas doméstica ou sexual,

trazidas muitas das vezes por barqueiros, fazendo uma denúncia da realidade sofrível de muitas personagens femininas da Amazônia.

Nesse sentido, a novela *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum, nos faz pensar que somos herdeiros históricos de um mito criado para justificar o processo de dominação da Amazônia pelo projeto colonial europeu. É, portanto, das representações apresentadas pela mencionada narrativa de ficção que podemos problematizar histórias de subalternização, opressão, violência, depreciação, silenciamento que vem ocorrendo há séculos contra as mulheres originárias, na referida região. Sem sombra de dúvidas, é possível conceber a literatura de Hatoum como um campo de possibilidade para a produção do saber histórico e, por extensão, como uma bandeira de sutil denúncia sobre a condição histórica das mulheres indígenas na Amazônia. Em suma, do texto ao contexto histórico foi possível conjecturar sobre a condição social, histórica, cultural de determinadas mulheres, na intenção de chamar a atenção para uma reflexão acerca de mulheres indígenas subsumidas pela historiografia regional, porém, presentes nas representações e, por extensão na história da Amazônia.

Referências Bibliográficas

Fonte:

HATOUM, Milton. **Órfãos do Eldorado**. 2ª reimpressão, Editora Companhia das Letras, Coleção mitos, São Paulo, 2008.

Referências Bibliográficas:

CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

FERREIRA, Arcângelo da Silva. **Narrativa de uma cidade encantada ou alegoria de uma história trágica: diálogos entre história e literatura em Órfãos do Eldorado, de Milton Hatoum**. Curitiba: CRV, 2022.

FERREIRA, Antônio Celso. “Literatura: A fonte fecunda”. PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. (orgs.). **O Historiador e suas fontes**. - São Paulo: Contexto, 2009.
GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**; tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti; São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HATOUM, Milton. “Laços de Parentesco: Ficção e Antropologia”. In.: **Raízes da Amazônia**. Ano I - V.1 -, nº 1, 2005 - Manaus INPA, 2005.

MINDLIN, Betty e narradores indígenas. **Moqueca de maridos: mitos eróticos**. – Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

NOUHAD, Dorita. “Eldorado”. In: BRUNNEL, Pierre (org.). **Dictionnaire des mythes littéraires**. Paris, Ed. Nocher, 1988.

SLATER, Candace. “O boto como encantado”. In.: _____. **A festa do boto: transformação e desencanto na imaginação amazônica**; tradução Astrid Figueiredo. – Rio de Janeiro: Funarte, 2001.

UGARTE, Auxiliomar Silva. Margens Míticas: A Amazônia no Imaginário Europeu do século XVI. In. DEL PRIORE, Mary; GOMES, Flávio dos Santos (org.). **Os senhores dos rios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.